



objetos com histórias
Partilha, Fiões

objetos com histórias
Partilha, Fiões

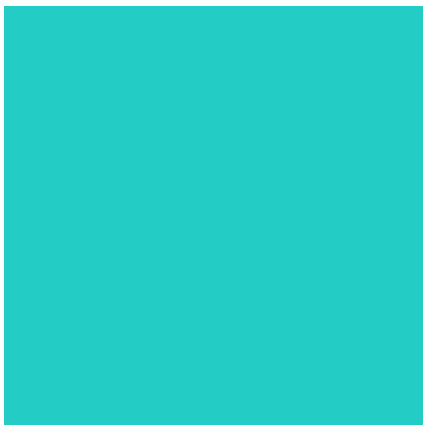


“dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”.
Da folha em branco à mão que escreve personagens desconhecidas como que adquirem
“foros de cidadania” neste pequeno livro. Tarefa árdua e indispensável, especialmente para quem
escreve sabendo que “para que as coisas existam duas condições são necessárias,
que homem as veja e homem lhes ponha nome.”

Saudação a José Saramago, por Wander Melo Miranda



indice



08 objetos com histórias**11 as histórias¹**

12 O Largo de D. Moisés

20 Salvador: “O Activo”

28 As preciosas memórias de Elísio

38 Arcélia: mulher corticeira

46 Carlos Fontes: jornalista desportivo

54 Maria André: salvadora de histórias

67 notas**70 bibliografia consultada****71 agradecimentos**



objetos com histórias

Como escreveu o sociólogo francês Maurice Halbwachs na primeira metade do século XX, a memória coletiva envolve as memórias individuais. Segundo o autor, “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros e que toda a história de nossa vida faz parte da história em geral.”²

Ao verbalizarem e, nalguns casos, ao escreverem aquilo que constitui a sua memória pessoal, as pessoas entrevistadas – Elísio, Fátima, Ângela, Arcélia, Salvador, Carlos Fontes e Maria André –, contribuíram, ao mesmo tempo, para que a história da freguesia de Fiães não se perca totalmente.

Mas não só: eles foram protagonistas de momentos que fizeram a história da indústria corticeira, da indústria do calçado, da exploração do volfrâmio, do desporto, da Igreja e da educação em Portugal.

Objetos com histórias é uma iniciativa integrada no projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e Desenvolvimento Artístico e Social (Programa Operacional Regional do Norte/NORTE 2020), promovido pelo Município de Santa Maria da Feira em parceria com a Casa dos Choupos, Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL e o CASTIIS – Centro de Assistência Social à Terceira Idade e Infância de Sanguedo.

Partilha, Fiães! É produto de um exercício colaborativo, que valoriza as suas gentes e aposta no seu património.

Tributo a Fiães – marcha

I

Fiães, terra de grandeza

Fiães, oh que lindo és!

Tens o rio Às Avestas

E o Uíma a banhar-te os pés (bis)

Estrilho:

Fiães, Fiães, oh que lindo és

O Rio Às Avestas e o Uíma aos pés

Fiães, Fiães, canto o teu encanto

De canto a canto e de lés a lés

II

Tua abundante Mãe d'Água

Quão pura e cristalina

É ouvi-la jorrar das fontes

Com seu cantar de menina (bis)

Estrilho

III

O Adro Velho nos Passais

Foi tua primeira Igreja

Serviu quatro freguesias

Bendito e louvado seja! (bis)

Estrilho

IV

O Monte de Santa Maria

Com o seu castro ao colo

Quem descobrirá um dia

O que guarda seu solo (bis)

Estrilho

V

O mais belo panorama

É do Monte das Pedreiras

Tens a riqueza do povo

Nas generosas Ribeiras (bis)

Estrilho

VI

O Monte dos Carrascais

Com o seu Castro ao colo

Quem descobrirá um dia

O que guarda no seu solo (bis)

Estrilho

VII

E a tua Igreja Matriz

Viradinha prá serra

Altaneiro o cata-vento

É o brio desta terra (bis)

Estrilho

VIII

Tens gente hospitaleira

A cantar com alegria

Canta hoje, Fiães da Feira

Terras de Santa Maria (bis)

Estrilho

Autora
Maria André, Fiães



as histórias



O Largo de D. Moisés

Estacionámos no Lugar do Redondo, junto ao busto de D. Moisés Alves de Pinho (1883-1979). Trata-se da homenagem dos conterrâneos ao bispo missionário e arcebispo de Luanda, “nobre exemplo de dedicação à Igreja e à Pátria”³.

Poucos minutos depois, estávamos à conversa com as irmãs Fátima e Maria Ângela, que o conheceram como ninguém!

Fátima, 81 anos, e Ângela, 76 anos, lembram-se bem desse dia da homenagem: “Puseram umas tábuas para ele passar”. D. Moisés, já muito idoso, esteve presente e foi a pé desde a casa das irmãs. Casa essa que frequentou ao longo de toda a sua vida.

Não falaram de si próprias: o discurso resvalou, sem esforço, para as recordações que têm do bispo. Consideraram-no como um avô e, embora tenha falecido há muitos

anos, é notório que continua muito presente: “havia muita ligação”. A mãe de D. Moisés foi uma verdadeira mãe para Maria Ângela e Fátima na adolescência. Devem também a Moisés o carinho, o acompanhamento e os conselhos que receberam sempre. Hoje, são elas que zelam pela campa do bispo missionário. A ele continuam a pedir graças, que lhes são concedidas.

Explicaram-nos que a casa onde vivem havia pertencido à mãe de D. Moisés, Teresa Ribeiro de Castro. Depois da morte desta, a casa ficou ao cuidado dos pais de Ângela e Fátima, que recorda: “o bispo doou-nos a casa na condição de eu alojar os meus irmãos padres e a minha tia freira quando viessem cá de férias. Um dia, D. Moisés chamou-me ao seu quarto e perguntou se estávamos de acordo”. É por esta razão que a casa é conhecida em Fiães como a «casa dos padres».

O facto dos dois irmãos de Fátima e Ângela serem padres não teve que ver com a influência de Moisés na vida dos «Grânjas» como são conhecidos. “Em pequeninos, ainda mal sabiam falar, já brincavam de padres: punham um saiote branco da mãe e já celebravam missa e confessavam: «Quantos pecados roubastes? Quantas pragas roubaste? [em vez de rogastes] Vais para um forno a arder»”.

As irmãs partilharam connosco passagens das *Memórias* de Moisés: o primeiro capítulo é dedicado, justamente, à sua terra natal, Fiães, que ocupava um lugar especial no coração do bispo. Tudo nesta freguesia lhe merecia amor: a sombra “acolhedora e reconfortante” das suas árvores; o murmúrio “suave” das fontes; os regatos “sinuosos”; a igreja e as capelas “onde se entrou a primeira vez pela mão de uma mãe carinhosa; e as «alminhas» dos caminhos e encruzilhadas. O nome da terra natal soa



como nenhum outro aos ouvidos de seus filhos e neles gera um universo de saudades que vão diretas ao coração. Só quem nunca se ausentou do torrão que lhe foi berço poderá ser insensível a este facto”.

Depois, Moisés recorda Fiães no tempo da sua infância: “A agricultura era a principal atividade e fonte de riqueza (...). As padarias eram raras e, por isso, cada família tinha um forno - era o pão de milho que mais se usava.” Moisés tinha um carinho especial por lugares como o do Souto, “donde se abrangem as férteis ribeiras”. Desse lugar terá avistado as freguesias vizinhas (Lobão, Vila Maior ou Sanguedo e, ainda, a serra em direção a Arouca). Outro lugar das suas memórias é o «Monte das Pedreiras».

O bispo dedica várias páginas ao povo solidário de Fiães: “Mais do que as refeições melhoradas, apreciava-se a solicitude do bom vizinho. Casas havia em que nunca se negava a esmola ao mendigo

que batia à porta quando se estava à mesa. Dir-se-ia que faltava a coragem para continuar a refeição, se a poucos passos havia quem não tivesse de que se alimentar.”

Refere que a primeira escola foi a «Escola Vilarinho» que funcionou no Lugar do Rio. Segundo Moisés, o primeiro professor foi Manuel Pinto Ferreira da Silva, também natural de Fiães.

O sacerdote e bispo recorda que, na sua infância, não havia indústria em Fiães, a não ser a do calçado, “que veio tomar notável desenvolvimento”. E menciona as dificuldades vividas pela população naqueles anos: muitos empregaram-se no Porto e em Gaia e outros partiram para o Brasil. Refere o carteiro António Sá que, por muitos anos, se encarregou de “qualquer recado de e para a Vila da Feira”.

O doutor Conceição, oriundo de Duas Igrejas, foi quem “mais exerceu medicina entre nós”. O médico tinha consultório junto da Igreja de

Lobão “e era «avençado» de muitas famílias de Fiães por um alqueire de milho ao ano. Aqui se deslocava quando necessário, aparecendo pressurosamente no seu cavalo, escoltado por um cão que era o terror do rapazio”.

Ainda no primeiro capítulo, o arcebispo resignatário de Luanda, como se apresenta, descreve como era a vida religiosa do seu povo. Tal como o povo português em geral, também o de Fiães “foi sempre de bons sentimentos religiosos, deixando aos vindouros amplo testemunho da sua fé nas inúmeras construções de santuários e capelas”.

Estava na hora de regressar do passado. Fátima fechou o livro e correu a cortina da sala, apontando para uma casa, a de Moisés. Depois, referiu que ao lado viveu o senhor Salvador, que escreveu muitos livros sobre Fiães. “Deviam conhecê-lo!”





desenho realizado por:
Laura Cardoso Santos

Escola Básica 1 de Caldelas
Turma 4.º A



desenho realizado por:

Beatriz Gonçalves Correia

Escola Básica 1 de Caldelas

Turma 4.º A





Salvador: “O Activo”

Enquanto aguardávamos que Salvador Soares da Silva terminasse a sessão de fisioterapia, a responsável pelo CASTIS (Sanguedo) partilhou connosco a quase totalidade dos seus livros, dedicados a Fiães, sua terra natal.

Nasceu no Lugar do Redondo, em setembro de 1928. Nesse ano iniciava-se em Portugal uma campanha contra o “indecoroso, inestético e anti-higiénico hábito do pé descalço”⁴. Mas Salvador cresceu no meio dos sapatos, aprendendo desde muito cedo a arte de sapateiro com seu pai, Manuel. (“Aos 11 anos entrou no mundo do trabalho como aprendiz de cortador de calçado”). *Sapateiro – Artesão e Artista* (1999) é, justamente, o título do primeiro livro da sua autoria⁵.

Descreve-se como um homem das “mil e uma artes – agarrei-me a tudo”. Teria 13

anos, quando vendeu cada um dos objetos de retrosaria contidos numa certa mala que o pai havia trazido do Porto.

De todas as formas de «ganhar a vida», a exploração do volfrâmio poderá ter sido a que mais marcou a sua existência (e a nossa conversa) e a ela dedicou um livro em 2006: *Do Volfrâmio em Fiães*. Neste volume pode ler-se que “não há conhecimento de explorações de volfrâmio em Fiães antes de 1939, embora existam pedidos de concessões pelo menos a partir de 1917”. O minério foi valorizado por esta altura, devido à guerra: “era o material indispensável para o endurecimento do aço a aplicar na confeção do material bélico. Em várias localidades como Arouca, Alvarenga, Minas da Panasqueira ou Vouzela, as explorações foram de maior dimensão e, por consequência, mais compensatórias e isso levou as

empresas inglesas e alemãs a instalarem-se nessas localidades, na extração e comercialização do minério, o que não aconteceu aqui. (...) Foi nos lugares do Ferradal e Soutelo, chamado Monte Grande (...) onde existiam as maiores explorações e onde foram extraídas as maiores quantidades de volfrâmio, embora outros lugares também contribuíssem, em menor escala, através da extração de «pedra solta»⁶ e alguns filões.”

Salvador recorda que, em 1939, se iniciou a exploração do volfrâmio em casa do pai (abriram uma mina). Venderam o “primeiro volfrâmio” a sete escudos o quilo. Ainda adolescente, sentiu a necessidade de comprar e vender volfrâmio:

“Eu era um garoto e não sei porquê, nesse dia, abri um dos sacos onde estava o volfrâmio extraído no dia anterior

no quintal dos meus pais e retirei uma «china»⁷ do tamanho de um dedo. Isso era «fazer um relóginho»⁸.

No dia seguinte, fui vendê-la à mercearia do meu tio Joaquim (então o presidente da junta). Ele perguntou-me de quem era e eu disse-lhe que era de um «relóginho» que eu tinha feito. Como isso era vulgar e acontecia diariamente, ele nada mais quis saber. Pesou e pagou-me 16 escudos e cinquenta centavos (0,0825 euros). Com o dinheiro, comprei um molete, tremoços, figos secos e um pirolito (gasosa). Quando se fez noite, fiquei aflito porque tinha no bolso uma moeda de dez escudos e outra de cinco, sem saber o destino que lhe devia dar. Tinha medo de levar o dinheiro para casa, porque podia ser descoberto pelos meus pais, que de certeza me castigariam. Atirá-las fora, também achava mal. Assim permaneci sentado, talvez mais de uma hora, preocupado e sem saber o que fazer a tanto

dinheiro. Era já noite escura quando resolvi ir para casa e esconder as moedas em lugar seguro. Fui colocá-las em cima do rodapé encostadas à parede, debaixo da cama, onde dormia. Acordei várias vezes durante essa noite e de manhã quando me levantei fui ansiosamente ver as moedas. Procurei tudo, mas as moedas não estavam lá e até hoje, nunca mais soube o que lhes aconteceu.”

Aos 14 anos, ajudou a abrir um poço no Monte Grande, que esteve ativo pouco tempo, pois, em 1944, Salazar proibiu a exploração de volfrâmio em Portugal.⁹

Então, Salvador dedica-se a tempo inteiro à oficina do pai. Aos 15 anos, prepara-se para fazer a contabilidade do negócio familiar, aprendendo com o senhor Silva, em Caldas de S. Jorge. O gosto pela escrita terá sido despertado por esta altura, ainda que inconscientemente!

Salvador sonhou alto e, entre 1951 e 1957, esteve emigrado no Brasil. Trabalhou na maior empresa de calçado do país, a D.N.B. (na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro), ao mesmo tempo que estudava no Liceu Literário Português, onde completou o Curso de Contabilidade. Depois de regressar, filiou-se como industrial do calçado e esteve no ramo até 1970.

Sempre foi um homem dinâmico e «de luta». Em Fiães é uma referência pelo conhecimento e dedicação à freguesia. Para além da escrita de vários livros, Salvador esteve na origem da Associação Recreio e Cultura «Os Unidos de Fiães» em outubro de 1972¹⁰ e do jornal «O Activo» em 1976¹¹.

Continua a escrever artigos de opinião para jornais regionais de Santa Maria da Feira, demonstrando, eloquentemente, um traço da sua personalidade: “Nunca aceitei tudo. Fui (e sou) «rebelde»!”.







desenho realizado por:

Santiago Silva

Escola Básica Chão do Rio | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Isabel Moreira

Escola Básica Chão do Rio | Turma 4.º Ano





As preciosas memórias de Elísio

“Ainda não leram o meu livro?” – perguntou Elísio Ferreira dos Santos, 101 anos. Parece ter ficado desapontado com a nossa resposta: “– Não, ainda não lemos”. Depois, retorquiu: “Haviam de ler!”

Em 2018, na comemoração do seu centenário, publicou as suas memórias, a que deu o nome de *Longa Vida a Recordar*. A propósito da sua longevidade, afirmou:

“Em Fiães, sou o primeiro que chega aos 101 anos pela vontade de Deus apesar de muitas doenças, algumas delas graves.” Para a qualidade de vida que Elísio ainda demonstra ter, muito terá contribuído o apoio e o aconselhamento do seu médico e amigo há mais de vinte anos, o Dr. Ângelo Pinto Bastos.

Não foram necessários muitos minutos para percebermos o quão importante é esse livro para Elísio – manteve-o nos joelhos durante a nossa conversa. “Não toquem aqui!”.

Trocá-lo-ia por uma barra de ouro ou de volfrâmio, esse «ouro negro» que as gentes de Fiães e de outras regiões de Portugal exploraram?

Elísio também esteve ligado à exploração do volfrâmio. Aliás, o dinheiro que angariou nessa atividade foi importante na montagem da sua fábrica de rolhas: “Eu abri-a porque havia o volfrâmio aqui. Abri um poço ali junto às escadas. Eu e os meus cinco irmãos tirámos dali o minério fora da hora do trabalho. Depois repartimos os seis ou sete contos entre nós. Esse dinheiro, mais algum emprestado por amigos, permitiu que eu fundasse a fábrica”.

De facto, a exploração desse minério significou uma considerável melhoria das condições de vida de muita gente, muito embora tenha sido “um período fugaz de abundância”¹². Portugal era, na época, o “Portugal dos tamancos”. Aliás, Elísio confirmou essa expressão de Aquilino Ribeiro, dizendo que em Fiães havia uma pessoa que os fazia.

Aludiu, brevemente, que aos onze anos ia a pé e descalço com sua irmã ao Porto (Leça da Palmeira) levar encomendas. Tinha até de pagar “meio tostão para atravessar a ponte” D. Luís¹³. Recorda que no Porto não era permitido entrar descalço (no ano anterior, 1928, o governador-civil do Porto havia proibido o hábito do “pé descalço”). Comprar umas «chancas» foi uma novidade: lembra-se de ter comprado umas na Feira de Penafiel.

Também cedida por amigos, e indispensável para a montagem da fábrica, foi a caldeira, onde a cortiça era submetida à *cozedura*, a fim de tornar a cortiça mais homogénea e maleável.

Finalmente, a fundação da fábrica de rolhas *Elísio Ferreira dos Santos* aconteceu em fevereiro de 1945, uns meses antes do fim da II Grande Guerra.

Elísio estava preparado para se entregar a essa aventura de paz: a abertura de mais uma fábrica de rolhas em Fiães. Foi o primeiro da família a dedicar-se à indústria corticeira. Aprendera quase tudo nos anos em que foi operário em empresas do ramo localizadas em Lamas, em Lourosa e também na sua freguesia (trabalhou para Avelino Gomes Sousa).

No início da atividade, comprou a cortiça em Vale de Cambra, Arouca e Vila Real. Mais tarde, também no Alentejo e, por ser mais vantajoso, em conjunto com outros três empresários: “andámos assim vinte anos, porque não tínhamos dinheiro para irmos sozinhos e comprar uma pilha ou um camião” (entenderam-se sempre bem).

Quanto às exportações, Elísio referiu o apoio que teve do seu amigo, o professor Serafim Fontes, que se deslocou com ele a Londres para estabelecer contactos para futuros negócios. Para além da Alemanha e Inglaterra, exportou as suas rolhas para a Itália, o Brasil, os EUA (S. Francisco), a França e Marrocos.

Atualmente, continuam a comprar a cortiça no Alentejo, Algarve e Espanha. Todos os seus seis filhos dedicam a vida à fábrica, cada um com uma função e de acordo com a sua vocação! A empresa fica ali ao lado da residência do patriarca. Basta-lhe abrir a porta de casa para contemplar a sua obra que, passados setenta e cinco anos está em pé, graças à sua visão e dedicação. Hoje, cabe aos filhos dar-lhe continuidade.

Elísio nunca fica sozinho. Os filhos revezam-se no acompanhamento e cuidados com ele. Num minuto estão na fábrica. Num instante atendem o pai, ajudando-o naquilo que for preciso. Talvez Elísio já não possa realizar tudo o que deseja, mas ainda não pede a ninguém que lhe penteie o seu bonito cabelo branco e vasto, “que todos desejam”.

Orgulha-se não só do seu aspeto, mas, acima de tudo, de ter contribuído para o progresso de Fiães e para a reunião da sua família junto de si. Procurou e procura ter boas relações com todos. A sua vida foi pontuada pela amizade e pela solidariedade, no trabalho e para além dele.







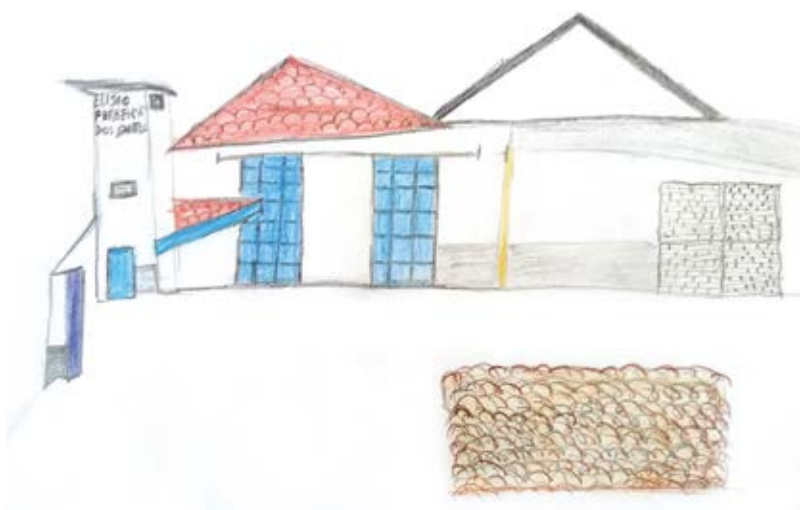


desenho realizado por:

Matilde Higinio

Escola Básica de Vendas Novas

Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Leonor Tavares

Escola Básica Avenida

Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Alicia Pereira

Escola Básica de Vendas Novas | Turma 4.º Ano

desenho realizado por:

Inês Baptista

Escola Básica Avenida | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Beatriz Santos

Escola Básica Avenida | Turma 4.º Ano





Arcélia: mulher corticeira

Para o comum dos mortais, rolhas são *apenas* rolhas.

Mas as rolhas têm um nome próprio e diferem umas das outras se considerarmos a sua configuração, o seu tipo e o seu calibre. Assim, os corticeiros conhecem-nas por «cilíndricas», de «imitação», «cónicas», «chanfradas», «boleadas», de «cabeça», de «farmácia», de «garrafa», «direitas», etc. E ainda há os rolhões! Tudo se torna mais complexo se pensarmos que, no Norte e no Sul, a classificação da rolha adquire designações particulares, para além de que variam de fabricante para fabricante.

Maria Arcélia Gomes Resende aprendeu a distingui-las enquanto *escolhedora*. Pela ponta dos seus dedos passaram milhares de rolhas que aperfeiçoou com perícia.

Nasceu em junho de 1944. Vive há 60 anos no Lugar do Ferradal. A sua infância foi passada em Gualtar. Mas, tal como a maioria das crianças da sua geração, não brincou muito. Conta que, aos 8 anos de idade, saía da escola às 11 horas para que pudesse preparar o almoço dos irmãos que já trabalhavam. A refeição resumia-se a “água com couves e mais nada” («lavagem»). Embora menina, substituí a mãe, que se ausentava para vender regueifa. À tarde, Arcélia ia para a «mestra».

Deixou de estudar aos 9 anos para apoiar a mãe que enviuvou muito jovem, ficando responsável pela educação e o sustento de oito filhos. Arcélia não teve oportunidade de conhecer o pai, vítima da febre tifóide quando ela tinha apenas dois anos.

No mesmo ano que abandonou a escola, entrou na indústria corticeira. Referiu o período de tempo em que foi operária da “fábrica do Edmundo”; da Amorim (Santa Maria de Lamas); e, por último, da FACOL (“Antiga Fábrica de Cortiça de Lourosa”).

Traz no corpo marcas que testemunham a dureza do trabalho que realizou em criança. O indicador da mão direita lembra-lhe todos os dias um acidente aos 13 anos quando manejava uma máquina. Contou ainda um outro episódio decorrido um ano depois. Sem perceber bem porquê, foi suspensa por dois dias. Não quis mais voltar. Em vez disso, procurou o proprietário da FACOL, pedindo-lhe um lugar na sua empresa: foi admitida, vindo a ganhar o triplo do salário.



Arcélia esteve no estaleiro, na lavagem, no ensaque, picou e marcou rolhas, parafinou, e, como dissemos, manobrou máquinas, para além da mais comum tarefa atribuída às mulheres que trabalham neste tipo de indústria: seleccionar as rolhas (*escolhedeira* ou *escolhedora*, como vimos atrás). “Fazia tudo”, concluiu. O esmeril e a faca foram algumas das suas ferramentas.

Casou aos 19 anos e, três anos depois, saiu da FACOL para cuidar dos quatro filhos que já tinha na altura (“não havia creches e era caro pagar-se a uma ama”, salienta). Continuou a picar rolhas em casa, ao serviço de diferentes corticeiras, muitas vezes com a ajuda dos filhos: “todos à volta da mesa da cozinha”. Lembra-se de receber dez escudos por cada mil rolhas «picadas».

Após se ter aposentado, Arcélia colaborou ainda com a Corticeira PIEDADE, ensinando os seus funcionários a «picar» as rolhas. Depois que foi viver para o Empreendimento Social do Ferradal, por volta do ano 2000, não realizou mais qualquer trabalho ligado à cortiça. A idade e alguns problemas de saúde impedem-na de fazer o que sempre fez desde que se conhece: trabalhar!”



desenho realizado por:

Tomás Freitas

Escola Básica Chão do Rio | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

João Ribeiro

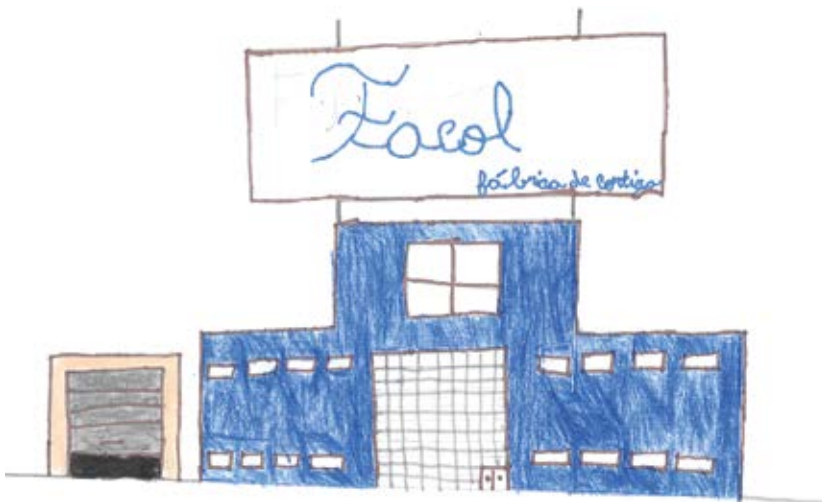
EB Chão do Rio | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Afonso Cardoso

Escola Básica 1 de Caldelas | Turma 4.º A



desenho realizado por:

Gonçalo Santos

Escola Básica Chão do Rio | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Diana Melo

Escola Básica Chão do Rio | Turma 4.º Ano





Carlos Fontes: jornalista desportivo

Carlos Fontes Tavares nasceu em abril de 1940. Frequentou o ensino primário no Monte das Pedreiras, numa escola inaugurada precisamente naquele ano. “Não se podia entrar na escola aos 5 anos, mas eu, autorizado pela professora, Dona Irene, entrei com essa idade e lá permaneci na 1.^a, 2.^a e 3.^a classe (a 4.^a classe fi-la na escola da Avenida, aluno do saudoso professor Reinaldo). Como não havia cadeiras para todos, no 1.º ano, frequentei as aulas sentado no chão”.

Bem cedo se interessou pelo desporto: “Lembro-me de estar no Lugar do Calvário, onde havia várias sapatarias. Durante a Volta a Portugal em ciclismo, os sapateiros que estavam a trabalhar à porta – aqueles que faziam tudo à mão –, pediam-me para eu ler o relato das etapas publicado no Comércio do Porto. Eu tinha seis ou sete anos. Deixava-me ficar ali sentado num banquito e eles a trabalhar, enquanto eu lia o jornal.

Todos os dias, por volta das 10h, lá ia eu ler o jornal para a malta trabalhadora».

O gosto de escrever surgiu-lhe por volta dos 14 anos (influência do pai, que era guarda-livros?): “mandei uma notícia sobre Fiães para o Comércio do Porto. Ninguém ligou nada àquilo.”

Aos 22 anos, viu o seu primeiro artigo publicado no Correio da Feira. “Em 1966, iniciei a minha colaboração com o jornal *A BOLA*”. Antes colaborara com o Mundo Desportivo e já estava no jornal *O Primeiro de Janeiro e Norte Desportivo*. *A BOLA* foi o colaborador que mais anos (50) esteve no jornal. Futebol, voleibol e canoagem foram as modalidades sobre as quais mais escreveu.

O Voleibol está na sua vida desde o tempo em que estudava no Colégio dos Carvalhos, tendo começado a jogar aos 12 anos: “Fui campeão

nacional de voleibol na Mocidade Portuguesa e também o fui em ping-pong”.

Em 19 de novembro de 1956, é fundado o Clube Desportivo de Fiães. Nas férias de Natal desse ano, Carlos ingressa no clube. Em março do ano seguinte, então aluno finalista, convida a equipa de voleibol de Fiães para um jogo no seu Colégio: “Foi o primeiro jogo que a equipa de Fiães fez (eu joguei com a camisola do colégio). O segundo jogo do Fiães disputou-se, em novembro de 1957 no Monte das Pedreiras e de novo frente ao Colégio de Carvalhos. E se antes, nos Carvalhos joguei pelo Colégio e venci por 3-0, no seguinte, em Fiães, já como capitão do Desportivo de Fiães, vencemos por 3-2.

O entusiasmo de Carlos Fontes pela modalidade motivou o irmão, Alfredo, falecido em 2000: “Quando saí do Colégio dos Carvalhos fiquei sem fazer nada. Sem emprego até aos



19 anos, eu e o meu irmão (eu saí do Colégio com 17 anos, não tínhamos nada para fazer, treinávamos todos os dias no campo do Monte das Pedreiras. Aquilo era uma coisa incrível durante o dia. Era treinar no duro!”

Recordando ainda o irmão, Carlos Fontes contou esta peripécia passada em Santo Tirso:

“Num jogo para o campeonato, estava imensa gente a ver o jogo. Um sujeito que assistia, adepto do Ginásio de Santo Tirso, fartou-se de insultar o meu irmão durante todo o jogo. A certa altura, o meu irmão não aguentou mais, saltou a corda que cercava o recinto do jogo e mandou-lhe um murro. Foi uma confusão desgraçada. A GNR prendeu o meu irmão, e o jogo acabou. Entretanto, o Ramiro Resende, que fazia parte do seis da nossa equipa, pegou no seu cartão de furriel do exército e apresentou-o à polícia. O soldado da GNR bateu-lhe a pala e meu irmão foi de imediato libertado!”

Carlos Fontes deixou de jogar em 1982, tendo sido um verdadeiro campeão: o jogador que mais vezes jogou pelo Fiães, mais vezes treinou as equipas do clube, presidente da direção e da assembleia geral mais tempo em exercício”. Agora continua a ser presença assídua no clube, a acompanhar as suas atividades. Foi no Pavilhão Municipal de Fiães que decorreu a nossa conversa, “o melhor do país para a prática do voleibol”, diz o nosso entrevistado.

Para além de jogador de voleibol, Carlos Fontes sempre escreveu sobre a modalidade, em que é um especialista. O seu primeiro artigo é assinado com as iniciais F.C. e “é precisamente um comunicado do Voleibol fianense publicado no Correio da Feira. Como trabalhava nos serviços municipais da Feira, não queria assinar como Carlos Fontes, porque pretendia fazer um ataque ao Feirense: nós, Desportivo de Fiães, fomos campeões nacionais em 63/64 – a única equipa nacional de Voleibol que conquistou um campeonato Nacional (na altura da

2.^a divisão) só com vitórias e sem ter perdido qualquer set. Uns meses antes, o Feirense tinha subido à primeira divisão e, por isso, o nosso clube enviou-lhe um ofício, felicitando-o. Ao contrário, quando nos tornámos campeões nacionais, o Feirense não retribuiu. Ignorou por completo o nosso feito. Então eu mandei-lhe uma «tacada», no jornal O Correio da Feira, e assinei F.C. Só o fiz nesse artigo!”

Carlos viveu num tempo em que o jornalismo era difícil: não só pela censura do regime, mas também pela edição, que era um processo moroso e irreversível. “Aconteciam coisas incríveis” como esta:

“no *O Primeiro de Janeiro*, eu fazia a crónica de muitos dos jogos internacionais no estádio das Antas, que acabavam à meia noite menos um quarto. O motorista do jornal levava-me a grande velocidade para a redação onde escrevia os «linguados» à mão! Junto de mim, o tipógrafo aguardava que eu lhe entregasse o tal «linguado» para fazer a composição. O jornal tinha

de sair às 3h da manhã para a distribuição. Eu já nem tinha tempo de rever nada. Uma vez fui fazer a crónica do jogo Sporting de Espinho-Varzim, para o Nacional da 1ª Divisão. Na segunda-feira, cheguei ao Jornal e o porteiro disse-me: ‘Ó Fontes, olha que o Diretor quer falar contigo’. Mal abro a porta do gabinete do diretor, Dr. Feitor Pinto, que no 25 de Abril era assessor do General Spínola, vejo-lhe um sorriso de gozo. Entro, e diz-me ele: ‘Então, a equipa varzinista foi a mais «linda» em campo?!’ E eu pergunto: ‘O que é isso Dr.?’ Ele retorquiu: ‘Então, já viste o jornal hoje?’ Lá estava. Eu escrevi lúcida e saiu linda.

Confundiram a letra! E nem a revisão deu pelo erro”.

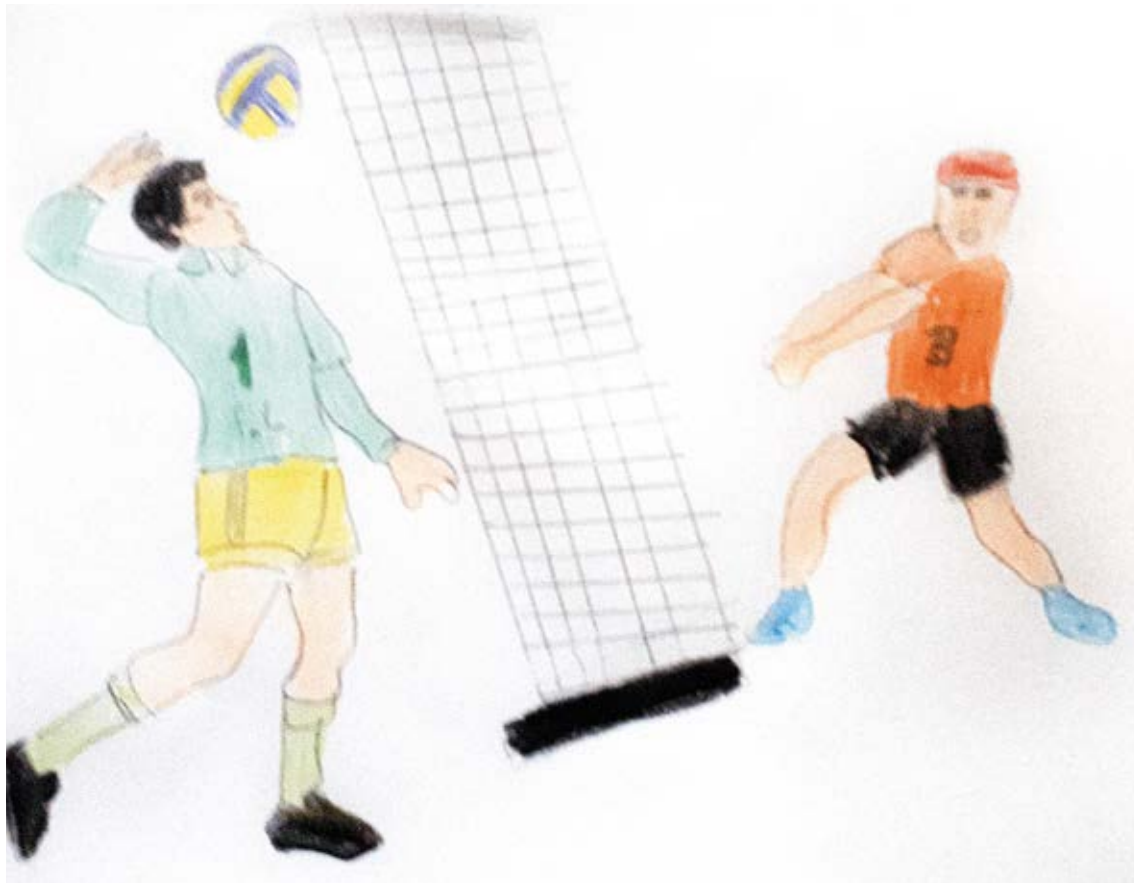
Na sua longa vida jornalística conta ainda com a passagem pelo Notícias de Paços de Brandão, do qual foi diretor (*lá conheci gente de muito valor*), foi diretor do Comércio da Feira, que durou pouco tempo, e foi chefe de redação do semanário Líder, também já extinto. Hoje em dia, continua a escrever artigos de opinião, e escreve quase todas as semanas sobre voleibol no *Correio da Feira*, colaborando, também, com o *Jornal N*, que substituiu o *Terras da Feira*,

de quem foi um dos fundadores e seu diretor durante os três primeiros anos. “Recebo quatro jornais em minha casa e colaboro em todos eles. Desde 2015, Carlos Fontes só escreve para os jornais da Feira e para a Defesa de Espinho.

Agora não sente mais a necessidade de correr a «contrarrelógio». É altura de, diariamente, desfrutar da leitura do jornal na companhia dos seus amigos no café *Monte Carlo*, em Fiães.

A amizade e o respeito são os principais valores que o desporto lhe ensinou.

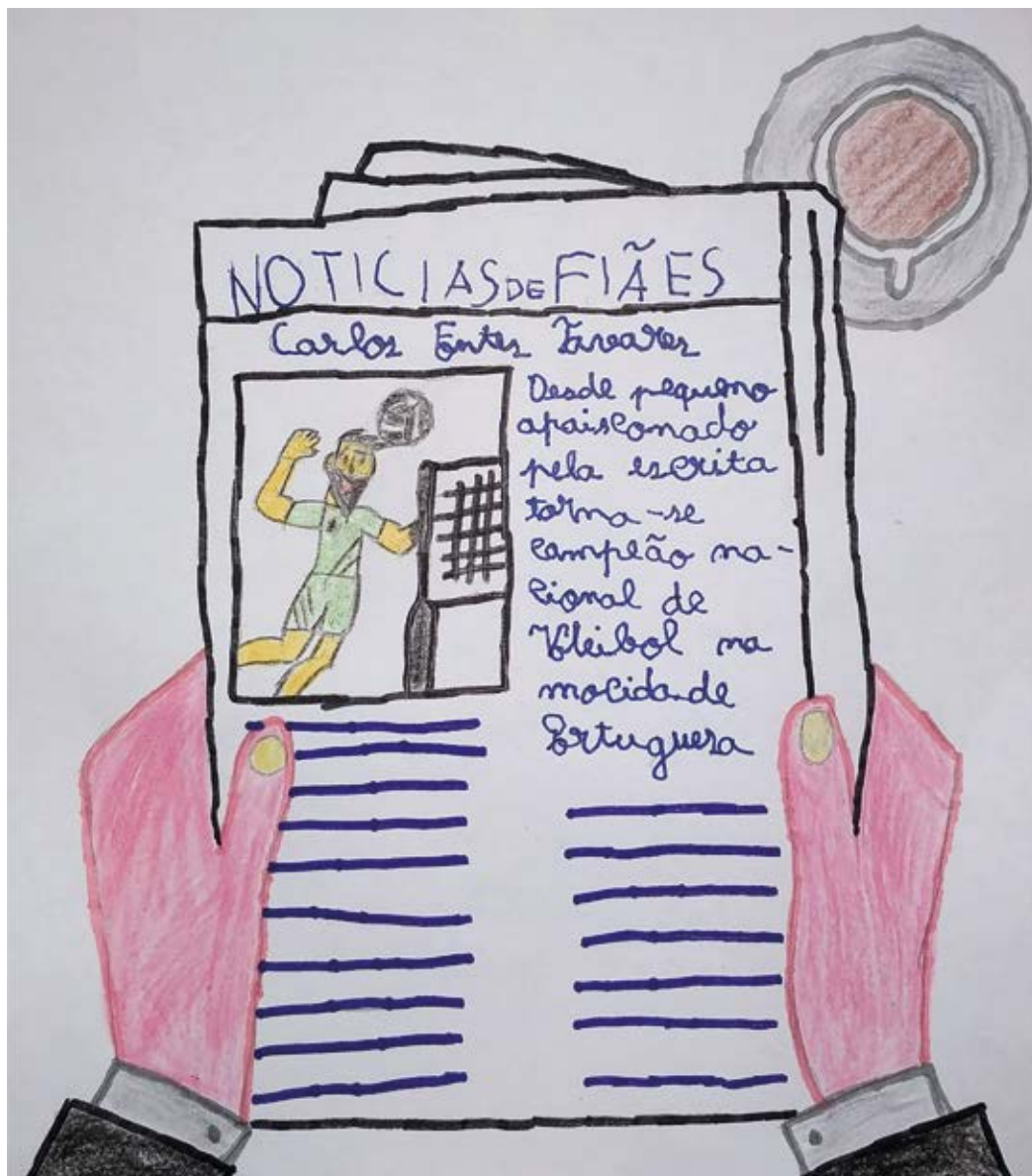




desenho realizado por:

Leonor Alves

Escola Básica Avenida | Turma 4.º Ano



desenho realizado por:

Igor Sousa

Escola Básica Avenida | Turma 4.º Ano



Maria André: salvadora de histórias

Maria André veio ao nosso encontro. Sorriso largo, braços abertos – protegidos com uns manguitos azuis –, lenço e chapéu na cabeça e, nos pés, uns tamancos. Interrompeu por umas horas o trabalho no seu Centro de Cultura e Desporto de Fiães.

O edifício foi, em tempos, uma escola primária, encerrada em 2008. Ao fim de três anos de negociações, Maria André comprou-o, bem como ao terreno circundante, transformando-os neste belíssimo espaço.

Mulher de muitas ideias que lhe caem aos “trambolhões”, pretendeu que aqui se reavivasse “o passado, as tradições e as vivências do nosso povo”.

É uma área significativa que inclui: plantações, animais, uma ermida (onde se encontrou um pergaminho¹⁴) e um anfiteatro, que esconde uma mina. Entrámos nessa nascente onde Maria André vai

buscar água e onde demolhava, naquele dia, os tremoços que também cultiva.

Passa os seus dias no Centro, como se fosse a sua própria casa. No sopé do Monte das Pedreiras, a sua residência já se encontra nua: “só tem a cama para dormir e pouco mais”. O Centro é o seu projeto de vida, que vale muito a pena conhecer. Começa a trabalhar às oito da manhã e não tem hora para sair. É um sem fim de coisas para fazer. No dia em que conversámos com Maria André, a tarefa que tinha em mente era a preparação da plantação dos morangos (“gosto de comer aquilo que trabalho”).

Encontrámos objetos que nos falam de outros tempos – cada um conta uma história. Maria André acredita que “até um alfinete tem uma história para contar”. Há uma infinidade de coisas que aceleram o seu coração de modo particular.

Talvez por isso não lhe seja fácil dizer «não» à entrada de mais um objeto neste quase Museu (ainda não o abriu ao público – esse momento especial está a ser preparado). Recebo «qualquer coisa», de norte a sul de Portugal. “E tudo o que eu possa apanhar, eu trago. Aqui tudo tem utilidade: até uma teia de aranha!”

“Tudo está contextualizado”: a roupa de trabalho (desfolhadas, vindimas, colheitas, etc.) e de romaria (“um bocadinho mais asseada”) do rancho folclórico do Centro de Cultura e Desporto de Fiães; as cestas de ir ao Senhor da Pedra; artefactos de Sapateiro (*estaria ali alguma ferramenta pertencente ao sr. Salvador?*); ninhos vindos da casa da Carvalheira em Ílhavo; raízes; frascos contendo contas com que antigamente se faziam os terços (*Maria André tem a erva da conta plantada no seu jardim*); estantes; um escarador; as cadeirinhas oferecidas por uma catequista; o tear das «Geraldas» de Soutelo com

cerca de 130 anos e um outro de 2010, construído pelo sr. José Constantino de Vouzela (o José «Bigodes»¹⁵); mantas de desperdício; um fato de Careto; toda a biblioteca de Maria André e muitos outros livros; manuscritos de Coelho e Castro¹⁶; a reconstituição de uma casa típica com seus pratos, panelas, lampião, toalhas da mãe de Celeste (a senhora de 81 anos que todos os dias vem ajudar Maria André); um tinteiro *Vista Alegre*; e as carteiras da escola (“três vieram da Boa Nova de Tomar, três dos Carvalhos e duas foram dos meus filhos”).

Do mobiliário da escola que ali funcionou não resta nada, a não ser o quadro de lousa, a cruz (que havia sido guardada por uma professora) e o estrado. “A Câmara queimou tudo, mas não teve a sorte de queimar estas duas [carteiras]”. Maria André pediu ao funcionário da Câmara que levava o mobiliário para o estaleiro que lhe desse as duas carteiras para o quarto dos filhos. Por volta de 2016,

a Câmara ofereceu outras peças (Maria André pediu autorização para ir ao estaleiro e recuperou algumas).

Na sua opinião, estas carteiras escolares permitiam que a coluna dos meninos estivesse direita e, como são ligeiramente inclinadas, indicadas para a leitura: “tudo isto tem influência no nosso bem-estar”.

Tal como uma criança, Maria André questiona tudo: «porquê», «para quê», «quando», «para quem», «como». “Sou do piorio!”

Também nós perguntámos muitas coisas a Maria André e uma delas mereceu esta resposta: “se estou aqui, hoje e agora, agradeço ao meu convento. Foram as minhas pernas que para lá me levaram e as mesmas me trouxeram. Já em criança revelou a sua personalidade determinada e resiliente.

“Aos 12 anos, numa confissão no patronato onde aprendi costura, descobri que queria ser freira. Certo dia, pouco

tempo depois de completar os 18 anos, fiz a malinha, arrumei a casa e preparei-me para sair para o convento. Nesse momento, entrou em casa a mulher que viria a ser a minha sogra. A minha mãe «aborrecida», contou-lhe: «um filho no seminário, outro na Guiné e esta quer ir para freira. O que é que eu faço?! Um padre não dá filhos, a freira filhos não dá e o que está na tropa, sabe-se lá se volta?»”.

Maria André não se deixou influenciar pela opinião da mãe. Concluiu o curso de Educadora de Infância no convento¹⁷. “Durante esses oito anos, que passaram muito depressa, aprendi que fazemos do destino o que queremos”.

De facto, vive como lhe dá na real gana. É genuína, simples e generosa. E isso é evidente até na maneira como confecciona «o caldo»: quase tudo o que entra na panela é da horta que cultiva: batata doce, feijão, “uma mão cheia de arroz e outra cheiinha de massa – que também é importante –



e depois couve (só dois minutos ali a cozer). Retiro e abafo. Não ponho azeite. Uns saleiritos, poucos, e ponho a tal abóbora (que nem se vê) e muita cebola. A sopa é esmagada com escumadeira,

como fazia a minha mãe.” O sabor da sopa passada com a varinha mágica é diferente!

Advertência ao leitor:

Esta mulher faz magia. É bem possível que numa

visita ao Centro Cultural e Desportivo de Fiães se veja refletido num certo espelho que Maria André resgatou do lixo. E vai ouvi-la dizer algumas vezes: “Então, não é lindo?”





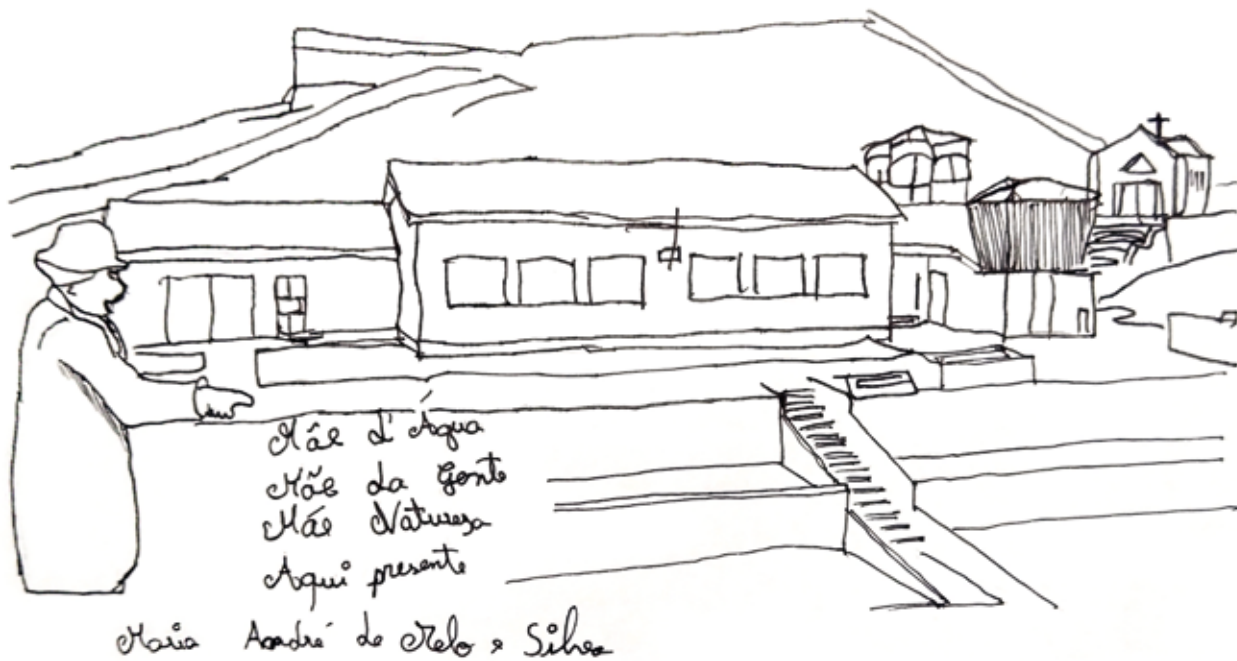




desenho realizado por:

Eduardo Rocha

Escola Básica de Vendas Novas | Turma 4.º Ano

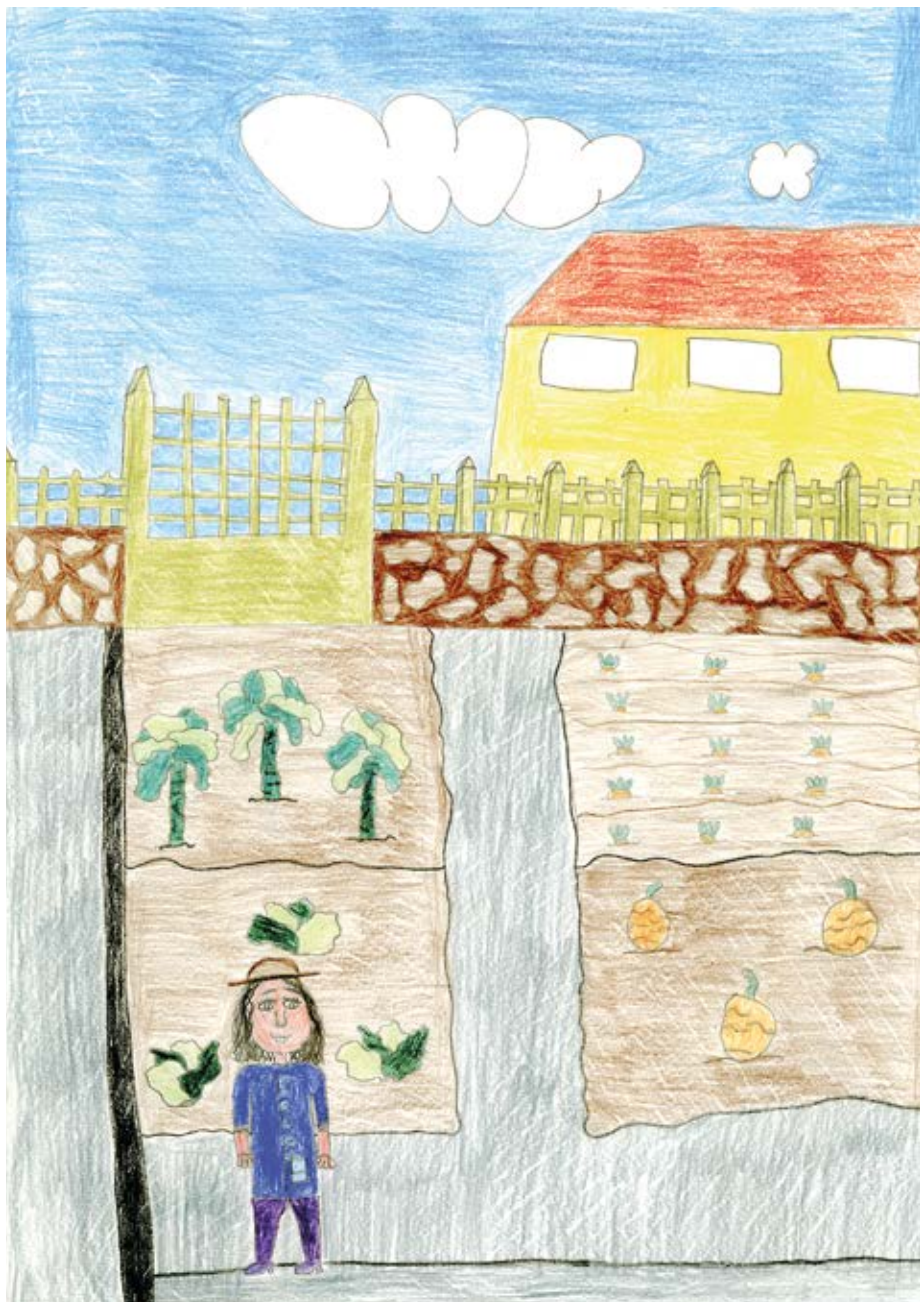


desenho realizado por:

Raúl Silva

Escola Básica de Vendas Novas | Turma 4.º Ano





desenho realizado por:

João André

EB de Vendas Novas

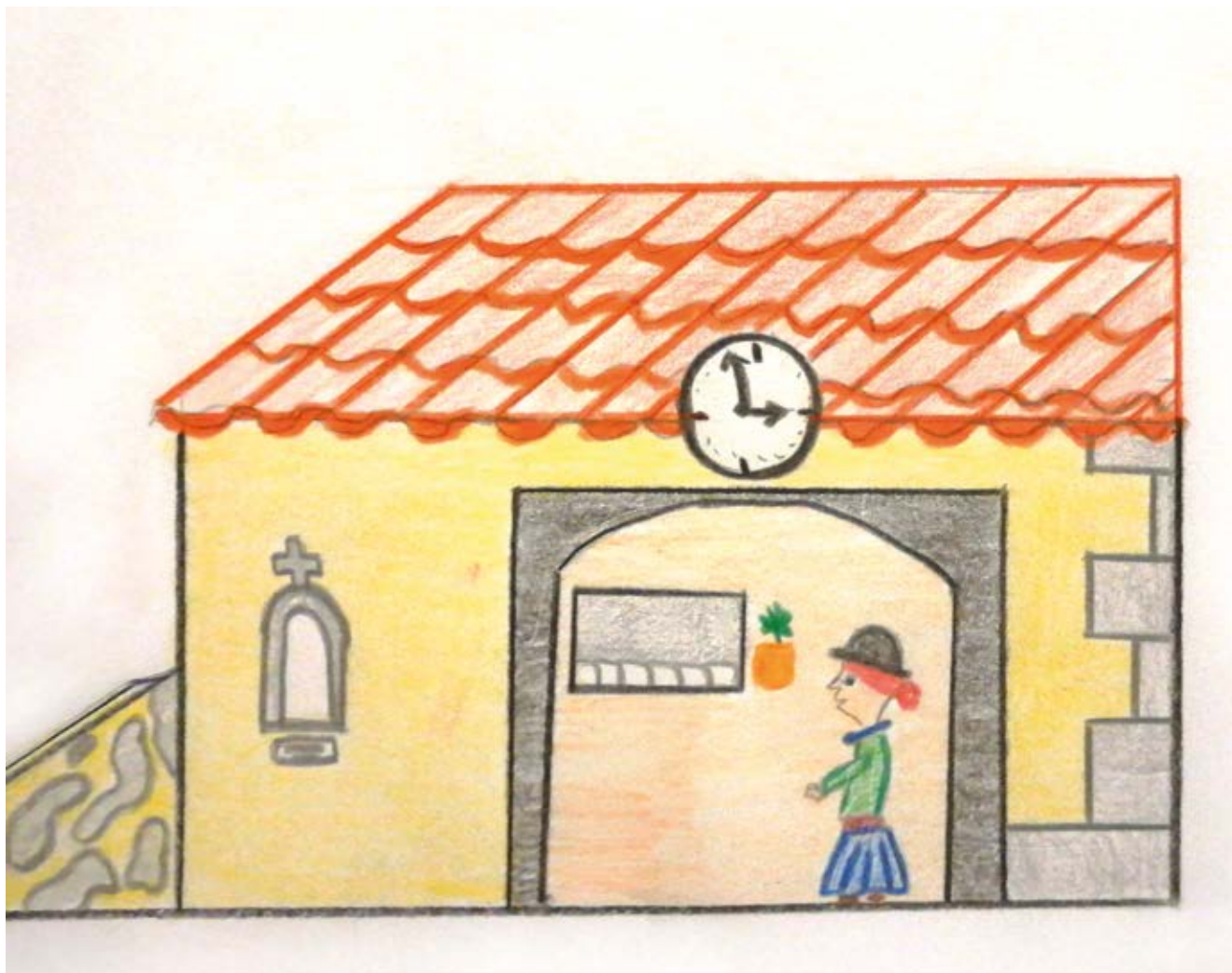
Turma 4.º Ano

desenho realizado por:

Matilde Leal

Escola Básica de Vendas Novas

Turma 4.º Ano





notas

¹As entrevistas foram realizadas entre 20 de setembro de 2019 e 14 de janeiro de 2020: Elísio Santos a 20 setembro 2019; Carlos Fontes a 21 de outubro 2019; irmãs Fátima e Ângela a 25 de outubro 2019; Arcélia a 7 de janeiro de 2020; Salvador Soares da Silva a 10 de janeiro de 2020 e Maria André a 14 de janeiro de 2020.

²Halbwachs, Maurice, *A Memória Coletiva*, Biblioteca Vértice, 1990, p. 53-55.

³Em 1987, o padre António dos Santos Moreira escreveu: “Fiães tem motivos de sobejo para se orgulhar de um Homem como foi D. Moisés Alves de Pinho”. Moisés morreu de trombose em Lisboa. Na Basilica da Estrela foi homenageado e o corpo foi para

Fiães, sua terra natal. Anos mais tarde, o corpo foi trasladado para Angola, Luanda, um desejo que D. Moisés havia manifestado por escrito. A RTP tem registos de momentos da vida de D. Moisés Alves Pinho e da homenagem que a Feira lhe concedeu em 1968: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/d-mois-es-alves-pinho-visita-sao-tome-e-principe/> <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/homenagem-a-dom-mois-es-alves-pinho/>

⁴A campanha foi levada a cabo pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social e prolongou-se pelos anos 50 e 60 do século passado. “O hábito do pé descalço tinha uma razão profunda: a miséria em que a maioria da população vivia. Passava fome e não tinha dinheiro para comprar calçado

e roupa. Milhares de crianças e adultos andavam descalços, andrajosos e esfomeados por todo o país. Os estrangeiros que nos visitavam espantavam-se e disso davam eco nos seus países.” (Expresso, 30.11.2012).

⁵A Biblioteca Municipal da Feira possui 37 registos da autoria de Salvador Soares da Silva, entre livros e artigos versando o tema «Fiães» e afins.

⁶Salvador explica que a «pedra solta» era aquela que se desprendia dos filões e se arrastava pelas correntes para terrenos mais baixos onde ficava depositada.

⁷«china»: pedra constituída só por volfrâmio. (Do *Volfrâmio* em Fiães, p. 166).

⁸Fazer um «reloginho» “era, nem mais nem menos, em jeito de brincadeira, mas com intenção, subtrair uma pequena porção de volfrâmio do lote, pertencente a pessoa(s) do seu convívio, a uma sociedade que até podia ser sócio sem autorização de o fazer, ou mesmo só dele. A quantidade desviada era sempre tão pequena que dificilmente os lesados dariam pela falta. Era uma forma de arranjar alguns escudos para gastar em coisas supérfluas, sem qualquer sentimento de culpa”. (Do *Volfrâmio* em Fiães, p. 53).

⁹Segundo Oliveira Marques, “a 2ª guerra mundial trouxe alguma prosperidade para o País. Sendo neutro, Portugal pode vender os seus produtos

muito favoravelmente (...). Muita gente enriqueceu com as exportações de volfrâmio (...)”. Em Arouca, nas explorações de volfrâmio, eram os ingleses e os alemães que retiravam das serras o minério com que endureciam armamento. Separadas por cinco quilómetros, as minas de Rio de Frades, pertencentes aos alemães, e de Regoufe, dos ingleses, foram simbólicas não pela grandeza das explorações, mas porque durante cinco anos os beligerantes conviveram em paz, num lugar esquecido de Portugal, para conseguirem fazer a guerra por essa Europa fora. (SIC Noticias, *Perdidos e Achados*). Em 1 de Junho de 1944, Salazar decide suspender a exportação de volfrâmio para ambos os países beligerantes.

¹⁰A associação pretendia promover o convívio “na mais sã amizade, longe de quezílias, tão habituais em determinados pontos de reunião. Sedentos do mesmo desejo, logo aderiram Custódio Alves, António Portela, Salvador Silva (...) e mais tarde outros para em reunião efetuada em 7 de outubro de 1972, ser criada a A. R. C. «Os Unidos de Fiães» com sede no lugar dos Valos da freguesia de Fiães”. (Cf. «O Activo», ano I n.º 1, maio de 1976.

¹¹O primeiro número do jornal «O Activo» é de maio de 1976. Na primeira página faz-se a apresentação do projecto: “CHAMO-ME o «ACTIVO». É a primeira vez que falo e tenciono falar todos os meses. Dependerá de ti, leitor, que eu

me conserve mensal, que eu realize o meu grande sonho de vir a ser semanário, ou infelizmente até, que eu me extinga.”

¹²Sinopse da obra *Volfrâ-mio* de Aquilino Ribeiro com prefácio de Batista-Bastos, Bertrand Editora.

¹³A ponte Luiz I já foi uma ponte com portagem (cinco reis por pessoa) instituída, um dia depois da inauguração do tabuleiro superior, a 1 de novembro de 1886 e que só deixariam de ser cobradas a 1 de janeiro de 1944, ou seja, quase 58 anos depois (site da radio portuense, «As portagens da ponte Luís I... para peões», 9 de fevereiro de 2019).

¹⁴O desenho da capela tinha a inscrição “projeto de uma pequena capela que Coelho e Castro tenciona construir”.

¹⁵José Constantino foi também o construtor do tear que se encontra na Casa das Profissões de Sanguedo. Coelho e Castro foi referido por Maria André algumas vezes: “Ele foi o mentor da Escola Comercial em Fiães. Emigrou em rapaz para Moçambique com 18 anos e olhou para Fiães e pensava que a sua terra-natal precisava de uma Escola Comercial – e ela aí está! Tinha uma fortuna tão expressiva que se dizia que se o seu dinheiro viesse para Fiães, a população não precisava de trabalhar. Coelho e Castro foi assassinado”. Está retratado num painel numa divisão do Centro de Maria André.

¹⁶Convento em Ermesinde, pertencente à Congregação das Irmãs do Bom Pastor, fundada por Maria Eufrásia em 1835. Maria André admira a santa e «Maria Eufrásia» é o pseudónimo que utiliza!

bibliografia consultada

Halwachs, Maurice, *A Memória Coletiva*, Biblioteca Vértice, 1990.

Marques, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, vol. 3. Palas Editores, Lisboa, 1986.

Moreira, Padre António dos Santos, *Figuras Ilustres de Fiães*, «D. Moisés Alves de Ponho», S. Tomé, 1987.

Pinho, Moisés Alves de, *Memórias*, Lisboa, 1979 (pp. 19 – 36).

Pinto, Marta e Matos, Carla, «A Indústria transformadora de cortiça em Santa Maria de Lamas, nos anos 50 e 60», in *Revista da Faculdade de Letras, HISTORIA*, Porto, III série, vol. 4, 2003.

Silva, Irene Alves da, «A Linguagem Corticeira», subsídios para o seu estudo, Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. V e VI, Coimbra, 1954.

Sinapse – Publicação da Sociedade Portuguesa de Neurologia, suplemento 1, vol. 7 n.º 2, dezembro 2007, pp. 37 a 45.

Sinopse de *Volfrâmio*, romance de Aquilino Ribeiro, prefaciado por Batista-Bastos.

agradecimentos

Este livro representa o encontro de seis histórias contadas na primeira pessoa.

Assim, um agradecimento muito especial a Elísio, às irmãs Fátima e Ângela, a Salvador (falecido a 10.06.2021), a Arcélia, a Carlos Fontes e a Maria André que nos narram, resumidamente, factos e vivências passados que continuam muito vivos nas suas memórias.

E um agradecimento particular à Professora Gorete Pacheco, Adjunta da Direção do Agrupamento de Escolas Coelho e Castro de Fiães, aos alunos do 3.º e 4.º ano do 1.º CEB e respetivas professoras que generosamente se lançaram na ilustração via online (no ano letivo de 2020/2021) que compõem este volume. Embora em tempo de confinamento, decorrente da pandemia Covid-19, este projeto continuou a fazer o seu caminho!

Finalmente, um «muito obrigado» à Empresa Henri & Filhos SA de Rio Meão, pela colaboração na cedência do espaço para a recolha fotográfica.

ficha técnica

Título

Objetos com Histórias
“Partilha, Fiães”

Autora

Céu Mota

Participantes

Ângela Moreira
Arcélia Resende
Carlos Fontes
Elísio Santos
Fátima Moreira
Maria André
Salvador Silva

Ilustração

Alunos do 3.º ano e 4.º ano
do Agrupamento de Escolas
Coelho e Castro – Fiães

[Alunos do 4.º ano
da Escola Básica Avenida]
Professora: Cláudia Peixoto
Afonso Rodrigues
Angelica Cardoso
Beatriz Santos
Dinis Abreu
Fabiano Rios
Gonçalo Oliveira
Igor Sousa
Inês Baptista

Lara Silva
Leonor Alves
Leonor Tavares
Núria Rocha
Rafael Assunção
Sara Sousa

[Alunos do 3.º ano da Escola
Básica Chão do Rio]
Professora: Sónia Rocha
Bárbara Malheiro
Carolina Castro
Catarina Coelho
Gabriela Matos
Leonardo Oliveira
Leonor Ferreira
Mateus Rocha
Micael Pereira

[Alunos do 4.º ano da Escola
Básica Chão do Rio]
Professora: Áurea Ribeiro
Ana Carvalho
Andreia Moreira
Artur Saychenko
Beatriz Casteleiro
Carolina Barbosa
Diana Melo
Gabriel Silva
Gonçalo Santos
Isabel Moreira
João Lino

João Ribeiro
Lara Pereira
Leandra Malheiro
Mafalda Neves
Maria Virgínia Ferreira
Matilde Santos
Santiago Silva
Tomás Freitas
Tomás Silva

[Alunos do 4.º ano da Escola
Básica Vendas Novas]
Professora: Maria da Concei-
ção Petiz
Alicia Pereira
Beatriz Oliveira
Eduardo Rocha
Francisca Cardoso
Gonçalo Mota
Iara Boucela
João Pedro Pereira
João Ribeiro André
Luana Oliveira
Luna Araújo
Matilde Higinio
Matilde Leal
Raúl Silva
Rodrigo Domingues
Santiago Faria
Sofia Sousa
Tomás Pinto

[Alunos do 4.º ano da Escola
Básica Caldelas]

Professora: Mafalda Silva

Afonso Cardoso

Beatriz Correia

Bernardo Pinto

Catarina Santos

Daniel Filipe

Dinis Henriques

Ema Carvalho

Francisca Bernardo

Inês Macedo

Joana Rocha

João Mota

Lara Fonseca

Lara Teixeira

Laura Santos

Leonor Oliveira

Letícia Silva

Mafalda Pinho

Maria Santos

Martim Lopes

Matilde Miranda

Miriam Oliveira

Rafael Mota

Rebeca Leal

Sérgio Oliveira

Vasco Petiz

Gestão | Coordenação

Manuela Coelho

Lisete Costa

Aurora Correia

Susana Lopes

Paula Costa

Isabel Silva

Inês Jesus

Design Gráfico

Rute Serra – Gabinete de Co-
municação, Relações Públicas
e Internacionais da Câmara
Municipal de Santa Maria da
Feira

Edição

Município de Santa Maria
da Feira

Projeto MIDAS – Mudança
para a Inclusão e Desenvolvi-
mento Artístico e Social

Programa Operacional Regio-
nal do Norte (Norte 2020)

Entidade Promotora

Município de Santa Maria da
Feira

Pelouro da Ação Social, Saú-
de, Proteção Civil e Bem-estar
animal

Entidades Parceiras

Casa dos Choupos – Coo-
perativa Multisectorial de
Solidariedade Social, CRL
CASTIIS – Centro de Assistên-
cia à Terceira Idade e Infância
de Sanguedo

Outras Entidades

Fórum Social da Freguesia
de Fiães

Fórum Social da Freguesia
de Sanguedo

Fórum Social da Freguesia
de Canedo, Vale e Vila Maior

Fórum Social da Freguesia
de Lourosa

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica,
Lda.

Tiragem

250 exemplares

Santa Maria da Feira

Abril 2022





MIOAS

mudança para a inclusão e
desenvolvimento artístico e social